



**DO COTIDIANO REGISTRADO NAS CRÔNICAS AO DIA A DIA DOCENTE:
POTENCIALIDADES DAS CRÔNICAS DE LIMA BARRETO E DA REVISTA *CARETA*
NO ENSINO DE HISTÓRIA**

**DESDE LA VIDA COTIDIANA REGISTRADA EN LAS CRÓNICAS HASTA LA RUTINA DIARIA DE ENSEÑANZA:
POTENCIALIDADES DE LAS CRÓNICAS DE LIMA BARRETO Y LA REVISTA *CARETA* EN LA ENSEÑANZA DE
LA HISTORIA**

ARTHUR CAMARGO FRÊDO*

Resumo

O presente artigo busca investigar as potencialidades das crônicas de Lima Barreto, publicadas entre os anos de 1920 e 1922 na revista *Careta*, para o entendimento do processo de modernização da sociedade carioca ocorrido no início do século XX. Soma-se a isso o objetivo de entender de quais formas as fontes literária e impressa podem contribuir para um ensino de História alternativo ao tradicional. Nesse percurso, foram estudados a materialidade do periódico, a trajetória do autor e o contexto em que ambos estavam inseridos. Em seguida, propõe-se a utilização de uma crônica de Lima Barreto e a respectiva edição da *Careta* em que foi publicada para aulas de História. Por fim, argumenta-se que o crítico relato elaborado por Lima Barreto através de suas variadas crônicas, bem como os aspectos característicos da revista *Careta*, são bastante ricos para a construção de um ensino de História que se pretende mais interativo, complexo e diversificado.

Palavras-chave: Ensino de História; literatura; imprensa; Lima Barreto.

Resumen

Este artículo busca investigar el potencial de las crónicas de Lima Barreto, publicadas entre los años 1920 y 1922 en la revista *Careta*, para comprender el proceso de modernización de la sociedad de Río de Janeiro que ocurrió a principios del siglo XX. A esto se suma el objetivo de comprender de qué manera las fuentes literarias e impresas pueden contribuir como alternativa a la enseñanza tradicional de la historia. En este curso se estudió la materialidad de la revista, la trayectoria del autor y el contexto en el que ambos fueron insertados. A continuación, se propone el uso de una crónica de Lima Barreto y la respectiva edición de *Careta* en la que se publicó para las clases de historia. Finalmente, se argumenta que el informe crítico elaborado por Lima Barreto a través de sus diversas crónicas, así como los aspectos característicos de la revista *Careta* son bastante ricos para la construcción de una enseñanza de la Historia que pretende ser más interactiva, compleja y diversa.

Palabras clave: Enseñanza de la Historia; literatura; prensa; Lima Barreto.

* Graduando em Bacharelado em História pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Formado em Licenciatura em História pela mesma instituição.



“A leitura dos jornaes é sempre utilíssima, como já disse o outro...”

A epígrafe escolhida para abrir este artigo compõe uma crônica publicada na edição 665 da revista *Careta*, intitulada “Leitura de Jornaes” (*Careta*, 19 de março de 1921, p.38)³². Ao final do texto encontra-se grafada a assinatura “L.B.”, o que indica se tratar de uma crônica produzida por Lima Barreto (1881-1922) – fato confirmado pelo levantamento empreendido por Magali Gouvea Engel (2008, p.5). Nesse texto, o autor discorre de maneira crítica sobre as escolhas feitas pela administração pública no trato com a cidade do Rio de Janeiro – então capital federal –, em especial à prioridade dada pela prefeitura no “embelezamento” de certas regiões do espaço urbano em detrimento de outras. Mas, afinal, qual seria a utilidade da leitura dos jornais de que fala Lima Barreto? E por qual razão foi escolhida uma crônica do literato carioca para abrir este artigo?

Em síntese, a pesquisa que originou neste artigo partiu de um interesse que desenvolvi durante a graduação. Minha inquietação inicial não era entender as reformas urbanas empreendidas durante as duas primeiras décadas do século XX. O interesse repousava mais em uma possível leitura crítica desse processo histórico. Por que reformar/modernizar/urbanizar a cidade? Quem estava interessado nesses projetos? Quais interesses e disputas estavam em jogo? Havia alguma região da cidade que fora privilegiada nesse processo? Como os sujeitos pobres e trabalhadores da cidade do Rio de Janeiro viveram essas transformações? Chegamos, assim, ao nome de Lima Barreto. E isso se justifica por alguns motivos. Em primeiro lugar, pela conexão entre a vida e a obra do autor com o tempo histórico que me interessava.

Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu em 1881 no Rio de Janeiro, cidade que marca, também, seu falecimento no ano de 1922. Filho mais velho do casal formado por João Henriques de Lima Barreto e Amália Augusta Pereira de Carvalho, o primogênito enfrentou dificuldades financeiras desde pequeno. A história da família Lima Barreto é marcada por mudanças constantes de endereço, traço que acompanha tanto a vida, como a obra de Lima. Sua estreia como escritor ocorre em periódicos estudantis. A produção de Lima é marcada por uma observação atenta aos movimentos da cidade; afinal, ele próprio vivenciava o cotidiano carioca entre a residência no subúrbio e a vida urbana do

³² Todos os volumes da *Careta* estudados estão disponíveis no acervo digital da Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 7 de abr.de 2023.



centro do Rio³³. Sua observação, entretanto, não é neutra. Pelo contrário, Lima Barreto criticou vigorosamente as reformas urbanas daquele contexto, utilizando do espaço de destaque que gozava na imprensa para tecer duras críticas à prefeitura carioca³⁴.

Tais mudanças na estrutura urbana não são, entretanto, uma novidade do século XX. Ao analisar a invenção do bairro de Copacabana, Julia O'Donnell sugere que os movimentos de intervenção no espaço urbano do Rio de Janeiro davam sinais já no final do século XIX. Segundo a autora, “objetivo ou imaginado, o agravamento das condições sanitárias que marcou a década de 1890 levava à progressiva certeza da necessidade de uma profunda e urgente remodelação da cidade” (O'Donnell, 2011, p.23). Aqui há um fator importante que contribui e impulsiona o desenvolvimento das reformas: a questão do sanitarismo³⁵.

Esse é um dos elementos que compunha o discurso que apostava na necessidade urgente de modernizar a cidade. Inclusive, além de reformar o espaço público, houve um massivo ataque ao local privado de moradia de muitos habitantes do município, simbolizado pela destruição dos cortiços e estalagens que se espalhavam pela malha urbana. Reinava o imperativo de destruir as habitações populares, sobretudo aquelas localizadas no centro da cidade. A justificativa para tal empreitada partia do princípio de que tais moradias eram duplamente perigosas: por quem as habitava e por suas más condições sanitárias³⁶.

A isso se mesclam os anseios da classe dirigente – agora sob os moldes republicanos – de transformar a capital federal em um espaço que imprimisse os ideais do novo governo³⁷. Entretanto, era impossível demonstrar a glória de um regime que buscava o progresso, a civilização e a ordem em uma cidade “onde se misturavam usos e classes sociais diversos; onde o capitalista se misturava com o operário, onde os edifícios públicos e empresariais eram vizinhos dos cortiços” (Abreu, 2003, p.220). Dessa forma,

³³ De acordo com Pedro Belchior, Lima teria experimentado, ao longo de sua vida, treze moradias diferentes (Belchior, 2011, p. 91).

³⁴ Sobre esse percurso de Lima como sujeito histórico e como escritor, conferir a obra *Lima Barreto: triste visionário*, de Lília Moritz Schwarcz (Schwarcz, 2017).

³⁵ Sidney Chalhoub apresenta em *Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial*, como a ideologia da higiene fazia parte do discurso e das práticas concretas que orientavam a gestão de conflitos envolvendo moradias populares na cidade do Rio de Janeiro em processo de urbanização. A destruição do cortiço Cabeça de Porco é emblemática nessa história. Cf.: (Chalhoub, 2017).

³⁶ Esse aspecto foi melhor explorado em outra oportunidade. Cf.: (Frêdo, 2022).

³⁷ É o “conservadorismo arejado e a cupidez material” do novo “tipo social representativo do novo regime” de que fala Nicolau Sevckenko (Sevckenko, 1999, p.26). As ideias da ordem como progresso e do progresso como imposição da lógica capitalista, da condenação dos costumes populares e da necessidade urgente de imprimir no cenário urbano a imagem burguesa de sociedade são características desse período.



buscava-se àquela altura varrer os “males” do centro urbano que se pretendia moderno, urbanizado, higiênico e organizado.

Em síntese, foi esse o contexto vivido e observado por Lima Barreto. Enquanto morador da cidade do Rio de Janeiro, desde o seu nascimento, o autor não apenas vivenciou essa avalanche de acontecimentos que marca o início da República no Brasil, como tirou desses o substrato para sua produção literária. Pedro Belchior (2011), ao analisar parte da produção barretiana – buscando problematizar o “ser suburbano” em Lima Barreto, entre crônicas e romances –, comenta que:

O Rio de Janeiro, palco maior dos projetos de modernização à brasileira, era o solo fértil que motivava e alimentava a sua escrita. Nas primeiras décadas da República, a cidade era um turbilhão de experiências técnicas. [...]. A febre do progresso, que contou com apoios extremados de intelectuais e homens públicos, talvez tenha tido em Afonso Henriques de Lima Barreto o seu crítico mais orgânico. Ele foi uma voz incansável contra os melhoramentos urbanísticos, não pelas novidades em si, mas pelas implicações sociais e políticas negativas decorrentes delas (Belchior, 2011, p.88).

Dessa forma, tendo em vista tanto a experiência de Lima Barreto enquanto sujeito histórico, quanto sua perspectiva crítica frente aos acontecimentos que vivenciou em sua trajetória³⁸, optou-se por analisar as crônicas escritas pelo autor entre os anos de 1920 e 1922 publicadas na revista *Careta*. Esse recorte se justifica por dois motivos: primeiro, pois é justamente a partir do ano de 1919 que Lima Barreto se torna cronista fixo da revista³⁹, contribuindo mais intensamente em suas edições; segundo, pois contempla a gestão Carlos Sampaio (1920-1922) – que investiu pesadamente nas reformas –, sendo este um dos “alvos preferidos” da ácida crítica de Lima Barreto (Belchior, 2011, p.144).

A opção pela revista *Careta*, por seu turno, levou em consideração alguns aspectos. Como dito, o interesse em investigar literatura e imprensa foi o ponto de partida.

³⁸ Sobre a trajetória intelectual do autor, Pedro Belchior comenta que “é marcada por sucessos e silêncios. A maior parte de seus romances recebeu críticas respeitadas nos jornais, embora sempre aquém das expectativas do autor e do seu próprio merecimento intelectual. Mas o pior obstáculo constatado em vida foi a barreira de silêncio em torno de sua obra. O incômodo causado por *Recordações de escrívão Isaías Caminha*, denúncia contundente do preconceito de cor e das vicissitudes da imprensa carioca, fez com que, logo na primeira empreitada literária, o autor amargasse o silêncio de boa parte da crítica. Suas memórias, nesse sentido, nos falam de uma glória literária não consumada, de títulos não concedidos e de expectativas frustradas” (Belchior, 2011, p.32).

³⁹ Como comenta Clara Nogueira, Lima Barreto contribuiu para a *Careta* em dois momentos: “Primeiramente durante o ano de 1915 e, posteriormente, de 1919 a 1922. Esta primeira colaboração na *Careta* se estenderia então até o fim de 1915 e Lima aproveitaria a oportunidade de participação em uma revista de maior alcance para comentar os mais diversos assuntos: eleições municipais, política, cidadania, descasos da municipalidade e, sobretudo, o cotidiano do Rio de Janeiro — desde as estações de trem dos arrabaldes suburbanos, como a sua paragem de Todos os Santos, até a ‘modernizada’ Avenida Central. Entretanto, seria a partir de setembro de 1919 que Lima Barreto voltaria de maneira constante e definitiva para a *Careta*. Seu retorno marcaria não só sua consolidação como cronista fixo da revista, mas também como um dos raros jornalistas oposicionistas e críticos dos rumos da cidade” (Nogueira, 2012, p.24).



Soma-se a isso a metodologia que guiou o trabalho: em vez de analisar as crônicas de Lima Barreto em coletâneas organizadas e publicadas em formato de livro, optou-se por estudá-las em seu suporte original de publicação. Ou seja, foi necessário pesquisar em quais periódicos Lima Barreto publicava. Afinal, parte importante da sua produção cronística foi publicada em periódicos impressos de grande relevância nas primeiras décadas do século XX, como nos jornais *Gazeta da Tarde*, *Gazeta de Notícias* e *Jornal do Commercio*, além da *Careta* e da *Revista Souza e Cruz* (Engel, 2008, p.33).

Vale pontuar que esses textos produzidos por Lima Barreto revelam uma particularidade da imprensa e da literatura do final do século XIX e do início do XX, qual seja, a indissociabilidade entre tais produções. Nesse contexto, as linguagens jornalística e literária se influenciam mutuamente (Eleutério, 2020, p.96). Além disso, a crônica – enquanto gênero literário – é apontada como “filha do jornal e da era da máquina” por Antonio Candido (Candido, 1992, p.14). Nesse mesmo sentido, segundo Sidney Chalhoub, Margarida Neves e Leonardo Pereira “a crônica mostrava-se, mais do que qualquer outro gênero, atrelada ao jornal no qual era publicada” (Chalhoub; Neves; Pereira, 2005, p.16).

Junto com essa estreita ligação com os jornais e revistas de sua época, outras características são compartilhadas por esses escritos tão difundidos a partir da segunda metade do século XIX. É justamente da “aparente contradição entre a leveza anunciada pelos cronistas e a cuidadosa elaboração de suas series; da tensão entre a tarefa de comentar a realidade e o intuito de transformá-la; e da variedade de formas e temas por ela assumidas” que, de acordo com Chalhoub, Neves e Pereira, podemos definir um perfil para a crônica – embora essa definição não seja universal e estanque, como bem advertem os autores (Chalhoub; Neves; Pereira, 2005, p.17).

Há, ainda, as particularidades das crônicas cariocas produzidas nesse mesmo contexto. Margarida Neves aponta a riqueza desses escritos para a compreensão da sociedade republicana que se formava. São, portanto, um dos veículos que temos à disposição, no tempo presente, para “penetrar o universo contraditório e nos matizes ocultos pelo simplismo reducionista da fórmula positivista da *ordem como progresso*, que aparece como denominador comum possível das múltiplas propostas republicanas e modernizadoras” (Neves, 1992, p. 78).

Chegamos, assim, à *Careta*. É impossível apontar as características dessa revista ilustrada de publicação semanal, que circulou por longos 53 anos – de 6 de junho de 1908 a 5 de novembro de 1960 –, sem levar em consideração seu contexto de produção. Afinal,



como argumenta Tania Regina de Luca, “(...) o conteúdo em si não pode ser dissociado do lugar ocupado pela publicação na história da imprensa” (LUCA, 2010, p.139). A autora ainda adverte que, ao se trabalhar com a imprensa nas pesquisas em História, o pesquisador deve “(...) estar alerta para os aspectos que envolvem a materialidade dos impressos e seus suportes, que nada têm de natural” (Luca, 2010, p.132).

Nesse sentido, as características presentes na revista *Careta* – a impressão gráfica, a qualidade do papel, os conteúdos a serem estampados nas folhas, sua rede de circulação e consumo, sua precificação – revelam não apenas traços característicos dessa publicação singular, mas contemplam elementos compartilhados por outros periódicos do início da República.⁴⁰ Segundo Maria de Lourdes Eleutério, é durante a chamada Primeira República (1889-1930) que a imprensa nacional se diversifica. Nesse momento, “a imprensa tornava-se grande empresa” (Eleutério, 2020, p.83). Os impressos passam por transformações marcantes: inovações tecnológicas reconfiguram seus aspectos materiais e proporcionam o aumento das tiragens, melhor qualidade da impressão e menor custo de produção. Como parte desse processo, acrescenta-se a formação do público leitor e as novas funções atribuídas aos intelectuais⁴¹.

A isso, podemos indicar algumas peculiaridades das revistas. De acordo com a investigação de Clara Miguel Nogueira, esse formato, “marcado por certa reflexão despreziosa, pela abordagem literária e informações leves, teria seu momento de destaque — não ao ponto de coibir ou impossibilitar a circulação do tradicional jornal diário, mas delimitando mais sua atuação— neste novo ambiente diversificado por inúmeras práticas culturais” (Nogueira, 2012, p.19). Além disso, a autora aponta que a esse formato “competiu não apenas o espaço para a legitimação da modernidade ou como depositório da literatura vigente, mas, sobretudo, o papel de mercadoria de fácil consumo” (Nogueira, 2012, p.19). Mas, afinal, como isso pode ser visto através da *Careta*?

⁴⁰ Enquanto fonte, concordo com a argumentação de Nogueira, que aponta que a “imprensa é, ao mesmo tempo, fonte documental, memória viva de um tempo, agente histórico e depositório de farto material literário, e [...] as fontes primárias se recobrem de importância única não apenas para elucidar o presente, mas, sobretudo, para desvendar o passado. Momento particular na história social do Brasil, dado o redirecionamento político e cultural em curso na ocasião, a virada do século XIX para o século XX é recorte temporal privilegiado para entender a imprensa não somente como guardião do literário ou do informativo, mas como veículo de reconstrução do passado, espaço público democrático e lugar legitimador da cidadania” (Nogueira, 2012, p.18).

⁴¹ Nesse ponto, com a ampliação astronômica do número de periódicos, são cada vez mais requisitados colaboradores letrados para a redação dos conteúdos impressos. Os “homens de letras” são convidados a produzir não apenas notícias e peças literárias como, também, conteúdos publicitários. Afinal, enquanto uma empresa, os periódicos visavam o lucro. Isso vinha, dentre outras formas, com a receita arrecadada com os anúncios publicitários que expunham nas folhas dos impressos novas mercadorias, frutos da urbanização e da industrialização.



No embalo da modernização gráfica e técnica, ela “marcou época não somente por ser representativa de uma cidade que se queria símbolo de modernidade, mas por ser a própria publicação representante da evolução técnica que mudaria de certa forma os paradigmas do jornalismo literário do momento em questão” (Nogueira, 2012, p.130). Tanto a sofisticação técnica, quanto a urbanização da cidade do Rio de Janeiro são estampadas nas edições da revista. Portanto, a *Careta* simboliza a modernização pela qual passava o Rio de Janeiro do início da República. Esse foi um importante aspecto que fundamentou a escolha do periódico para a pesquisa.

Esses elementos aparecem na revista de diferentes formas. Em primeiro lugar, pela materialidade da fonte. Nas edições analisadas, a revista apresenta um refinamento gráfico: páginas bem diagramadas, padronizadas e bastante coloridas. Os volumes semanais, dentro do recorte analisado, contêm cerca de 40 páginas⁴². Além disso, os conteúdos dispostos nas folhas também indicam elementos característicos da imprensa do início do século XX: são inúmeros os reclames publicitários – em quantidade e variedade – e a diversidade de colaboradores.

Essa variedade também é apontada por Nogueira como uma característica definidora da *Careta*. Inclusive, isso é parte do projeto de Jorge Schmidt⁴³ que buscava, com a revista, “uma publicação de amplo alcance entre os leitores, com um caráter mais popular e principalmente de leitura mais espirituosa e divertida” (Nogueira, 2012, p.134). Assim, com essa pegada eclética “tanto no que tangia ao alcance de público variado quanto no que representava sua diversificada teia de colaboradores, de colunas, de reclames, de conteúdo gráfico e de modelo editorial, a *Careta* conseguia diferenciar-se das demais publicações similares da época” (Nogueira, 2012, p.133).

Além disso, a sátira à sociedade carioca e as críticas aos movimentos da política institucional são traços marcantes da revista, quase sempre debatidos com humor. E, para tanto, a redação contava com um grupo eclético de colaboradores – que produziam crônicas, peças jornalísticas, charges e trovas – dentre os quais se destaca Lima Barreto⁴⁴. Como comentado, durante os anos de 1919 até o ano de 1922, que também marca seu

⁴² Nessa investigação, percebi que as edições publicadas próximas a datas comemorativas – como no Natal – costumam contar com um número maior de páginas quando comparadas às demais edições. A edição 705, publicada em 24 de dezembro de 1921 (véspera de Natal), contém 61 páginas, enquanto a 704 é composta por 40 páginas e a 706 por 44.

⁴³ Foi jornalista e empresário que “exerceu a direção da revista de 1908, data de sua fundação, até 1935, ano de seu falecimento” (NOGUEIRA, 2012, p.134).

⁴⁴ Além do literato, também contribuíam outros nomes da intelligentsia literária carioca, dentre eles, “Emílio de Menezes, Martins Fontes, Olegário Marianno, Luiz Edmundo, os redatores Bastos Tigre e Leal de Souza e até mesmo Olavo Bilac” (Nogueira, 2012, p.136).



falecimento, o literato participou intensamente do hebdomadário, publicando um total de 47 crônicas que foram objeto de investigação durante minha pesquisa.

“O resto do Rio não existe; mas paga imposto. O Rio é Botafogo; o resto é a cidade indígena, a cidade negra”⁴⁵

Os lamentáveis conflitos que se vêm dando entre estudantes e o pessoal da Light, por causa de passagens, para a Praia Vermelha, é uma consequência dessa bisonha e fútil mania por Botafogo.

Uma cabeça de algum senso que não estivesse entupida com frases de alfarrebios soporíficos e tivesse uma verdadeira visão e consciência da responsabilidade da direção de qualquer coisa, não iria por uma escola frequentada por mais de mil rapazes, num recanto afastado da cidade, servido por uma única linha de bondes, de passagens caras, só porque esse recanto fica para as bandas de Botafogo!

Um estabelecimento, mais ou menos sustentado pelo Estado, em tudo, tem por escopo primordial servir ao maior número de cidadãos; e a sua situação devia obedecer a esse critério, o que levaria a ser o seu edifício erguido em lugar o mais central possível da cidade. Entretanto, a botafogana vaidade dos que mandam nessa joça, foram colocal-o numa das portas da metrópole, cujo acesso em bondes é relativamente desperdiço para as bolsas médias, e ninguém protestou. Dahi, os conflitos (*Careta*, 6 de agosto 1921, p.10).

Ao folhear a edição 685 da revista *Careta*, publicada em seis de agosto de 1921, o leitor encontra na altura da página dez a crônica “Botafogo e os pró-homens”, assinada por Lima Barreto. O texto ocupa metade da folha e divide espaço com um anúncio do doutor especialista M. Prat que, por sua vez, divulga serviços estéticos que fornece ao público feminino. Gozando de certo destaque na edição – afinal, ocupa as primeiras páginas do volume e divide a folha com apenas um único conteúdo–, “Botafogo e os pró-homens” também se distingue pelo teor crítico que traz em suas linhas. Lima Barreto critica a “mania por Botafogo” que, segundo ele, contaminou os dirigentes cariocas: o “resto do Rio não existe; mas paga imposto” (*Careta*, 6 de agosto 1921, p.10). Mas, o que isso quer dizer?

Para isso, é importante compreender que Botafogo, àquela altura, era um bairro aristocrático. Segundo a análise de Julia O’Donell, a região era ocupada por famílias abastadas já nas décadas finais do século XIX. Além disso, a Zona Sul do Rio de Janeiro – onde encontra-se o referido bairro – foi privilegiada com obras de urbanização: novas linhas de bonde, fornecimento de gás, água potável e esgoto consistiam em algumas das melhorias levadas à região no final do século XIX e no início do XX (O’donell, 2011, p.27-29).

⁴⁵ Frase retirada da crônica “Botafogo e os pró-homens”, escrita por Lima Barreto e publicada na página dez da edição 685 da revista *Careta* (*Careta*, 6 de agosto de 1921, p.10).



Em 1921, há indícios de que esse cenário não havia mudado. Afinal, Lima Barreto sugere que o “Rio é Botafogo; o resto é a cidade indígena, a cidade negra” (*Careta*, 6 de agosto de 1921, p.10). Essa mania por Botafogo de que fala o cronista diz respeito às escolhas da administração pública municipal – nesse período, comandada por Carlos Sampaio – no trato para com a cidade. No contexto das reformas urbanas, Botafogo foi um dos bairros privilegiados nesse processo, enquanto outros – sobretudo os bairros suburbanos – foram propositalmente negligenciados.

Em síntese, o que guiava esses projetos modernizantes era a imposição do modelo burguês de sociedade que se desenvolvia há tempos no continente europeu. Portanto, neste período o movimento de modernização das cidades não é uma novidade carioca; muito pelo contrário, faz parte de um processo global que está relacionado com a ascensão da burguesia como classe dominante.

Segundo a análise de Marshall Berman em *Tudo que é sólido desmancha no ar*, a produção de Karl Marx (1818-1883) é bastante rica para a compreensão desse fenômeno. Através das contribuições da obra marxiana para a compreensão da estrutura da sociedade burguesa, Berman aponta que, enquanto classe dominante, a “segunda grande realização burguesa foi liberar a capacidade e o esforço humanos para o desenvolvimento: para a mudança permanente, para a perpetua sublevação e renovação de todos os modos de vida pessoal e social” (Berman, 2007, p.117). Nesse sentido, essa mudança almejada e imposta pela burguesia também se faz presente na estrutura das cidades: era necessário exibi-la, dentre outras coisas, através de monumentos e obras públicas, como observado no processo de remodelação urbana ocorrido no Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX.

Em solo brasileiro, essas reformas ocorrem com um objetivo particular: construir uma nova imagem para o Brasil, agora comandado sob os signos da República. Era necessário modelar o espaço urbano da cidade do Rio de Janeiro, que abre o século XX carregando os títulos de maior centro político, comercial e populacional do país (Sevcenko, 1999, p.27), em contraste com a típica configuração colonial associada ao império. Para tanto, uma avalanche de obras atinge sua estrutura urbana e, ao mesmo tempo, ocorre a condenação de hábitos e costumes que, segundo os defensores e articuladores das reformas, iam contra o ideário de uma sociedade civilizada, higiênica e alinhada com o progresso.⁴⁶

⁴⁶ Segundo Nicolau Sevcenko, a “luta contra os velhos hábitos coloniais” extrapola o movimento de expulsão da população pobre do centro da cidade. A isso, acrescenta-se uma perseguição contra certos



Na crônica citada, Lima Barreto aponta as nefastas consequências desse processo: os estudantes da Faculdade de Medicina – localizada na Praia Vermelha – tinham de lidar com passagens de bonde muito caras, “só porque esse recanto fica para as bandas de Botafogo” (*Careta*, 6 de agosto de 1921, p.10). E, como bem argumenta o cronista, uma instituição mais ou menos sustentada pelo Estado deve estar alinhada com os interesses da maioria da população. O que não ocorre com o caso da faculdade: ela foi erguida em uma região distante do centro urbano, dificultando o acesso dos estudantes à instituição. E, para o autor, isso decorre da “botafogana vaidade dos que mandam nessa joça” (*Careta*, 6 de agosto de 1921, p.10).

Em síntese, além de criticar o preço das passagens – que pesava no bolso dos estudantes de medicina –, o autor ainda aponta a contradição em se instalar uma faculdade frequentada por muitos alunos numa região de difícil acesso. Lima Barreto expõe que a municipalidade não está preocupada em atender o bem-estar coletivo: pelo contrário, contaminada pela fútil mania por Botafogo, prioriza os anseios particulares dos dirigentes da cidade. No mesmo bairro, duas experiências distintas: uns desfrutam de suas nobres moradias; outros, sofrem diariamente com passagens caras para chegar no seu local de estudo.

Através da leitura desse texto, fica evidente um traço característico da produção cronística de Lima Barreto: a ácida crítica dirigida às escolhas feitas pelos governantes do Rio de Janeiro no trato para com a cidade. A partir desses escritos, o autor não apenas denunciava o “outro lado” das reformas urbanas – ou seja, aquele que se contrapunha ao discurso oficial dos melhoramentos urbanos ao expor suas problemáticas –, bem como “faz de suas crônicas um *front* de combate a obras de embelezamento, não pelo quê de melhoria que traziam, mas por serem direcionadas às áreas ocupadas pela elite cosmopolita e ‘moderna’ da capital federal” (Belchior, 2011, p.144).

Isso se explica, também, pela própria vivência de Lima Barreto na cidade do Rio de Janeiro. Ele transitava pela cidade entre sua moradia na região suburbana e o centro da capital. E faz essa travessia nos bondes lotados, ou trilhando o seu caminho a pé. É dessa experiência que compõe “uma literatura preñe de interpretações densas e vibrantes

costumes populares: há uma reação contra a serenata pela utilização do violão – instrumento compreendido como “sinônimo da vadiagem” –, além das ações contra as barracas e quiosques, carroças, restaurantes populares e, até mesmo, com a criação de uma lei que dispunha sobre a “obrigatoriedade do uso de paletó e sapatos para todas as pessoas, sem distinção, no Município Neutro” (Sevcenko, 1999, p.33).



da metrópole, sempre vista sob uma perspectiva inquiridora e oscilante” (Belchior, 2011, p.94).

Tais aspectos são percebidos não apenas em “Botafogo e os pró-homens”, mas também na crônica “O prefeito e o povo”, publicada alguns meses antes na edição 656 da *Careta*, cuja circulação data de 15 de janeiro de 1921. A crônica ocupa quase a totalidade da página número quatro do respectivo volume, dividindo-a com um pequeno texto assinado por R. e com o anúncio de um produto cosmético disposto no rodapé. Nos primeiros parágrafos, Lima Barreto comenta o seguinte:

O Sr. Dr. Carlos Sampaio é um excelente prefeito, melhor do que elle só o senhor de Frontin. Eu sou habitante da cidade do Rio de Janeiro e, até, nella nasci; mas, apezar disso, não sinto quasi a acção administrativa de S. Ex.^a. Para mim, S. Ex.^a é um grande prefeito, não ha duvida alguma; mas de uma cidade da Zambesia ou da Conchichina.

Vê-se bem que a principal preocupação do actual governador do Rio de Janeiro é dividil-o em duas cidades: uma será a eurôpéa e a outra, a indigena. É isto que se faz ou se fez na India, na China, em Java, etc; e em geral, nos paizes conquistados e habitados por gente mais ou menos amarella ou negra. Senão, vejamos.

Todo o dia, pela manhã, quando vou dar o meu passeio philosophico e hygienico, pelos arredores da minha casa suburbana, tropeço nos caldeirões da rua principal da localidade de minha residencia, rua essa que foi calçada ha bem cincoenta annos, a pedregulhos respeitaveis.

Lembro-me dos silhares dos caminhos romanos e do asphalto com que a Prefeitura Municipal está cobrindo os areas desertos de Copacabana.

Porque será que ella não reserva um pouquito dos seus cuidados para essa util rua das minhas visinhanças, que até é caminho de defuntos para o cemiterio de Inhaúma? Justos céos! Tem acontecido com estes cada cousa macabra! Nem vale a pena contar (*Careta*, 15 de janeiro de 1921, p.4).

Aqui, o autor compartilha com seus leitores a realidade que vive em sua região. Ao passear pelas manhãs na rua principal de Todos os Santos – bairro suburbano onde o escritor residia na época –, Lima Barreto tropeça nos buracos dessa rua “que foi calçada há bem cincoenta annos” (*Careta*, 15 de janeiro de 1921, p.4). Enquanto isso, a prefeitura municipal investe dinheiro público na pavimentação dos areas de Copacabana. Essa diferença de tratamento entre as regiões intriga o autor: “Porque será que ella não reserva um pouquito dos seus cuidados para essa útil rua das minhas visinhanças, que até é caminho de defuntos para o cemiterio de Inhaúma?” (*Careta*, 15 de janeiro de 1921, p.4).

A esse relato, soma-se a crítica dirigida ao prefeito Carlos Sampaio logo no primeiro parágrafo. Sampaio até pode ser um ótimo prefeito, mas não para os habitantes da cidade do Rio de Janeiro. Como diz Lima Barreto, deve ser “de uma cidade da Zambesia ou da Conchichina” (*Careta*, 15 de janeiro de 1921, p.4). No desenrolar da crônica, Lima acumula novas críticas ao governante, dentre elas, a preocupação fútil de



Carlos Sampaio com a construção de hotéis luxuosos “para hospedar grossos e médios visitantes illustres” (*Careta*, 15 de janeiro de 1921, p.4), enquanto os habitantes dos morros da Favella e do Salgueiro vivem em barracos precários.

Novamente está posta aqui a seguinte questão: se a prefeitura tem recursos financeiros para investir em obras públicas, por qual razão somente algumas regiões da cidade são contempladas com as melhorias? Enquanto os areais de Copacabana estão sendo calçados e hotéis de luxo são erguidos pela cidade, os moradores de Todos os Santos continuam a tropeçar nas ruas esburacadas que se espalham pelo bairro.

O autor compara, com frequência, realidades opostas que convivem lado a lado na cidade. Tanto em “Botafogo e os pró-homens” como em “O prefeito e o povo”, o cronista elabora em seu texto a ideia de uma cidade cindida. De um lado encontram-se as regiões negligenciadas – como os morros da Favella e do Salgueiro e o bairro de Todos os Santos –, que não recebem quaisquer melhorias por parte da prefeitura carioca. De outro, estão os bairros nobres – no caso, Botafogo e Copacabana – que, por seu turno, são agraciados com hotéis luxuosos, ruas pavimentadas e arborizadas, dentre outras novidades.

Nesse sentido, Pedro Belchior esclarece que Lima Barreto “fez-se porta-voz das demandas da população suburbana, claramente à margem dos melhoramentos urbanos promovidos pela prefeitura” (Belchior, 2011, p. 144). Em consonância com essa argumentação, Clara Asperti aponta que o autor carioca “deflagrou em sua escrita, inúmeras vezes, a imagem inversa àquela do Rio de Janeiro idealizado” (Nogueira, 2012, p.26).

Diante do exposto acima, fica nítida a riqueza das crônicas assinadas por Lima Barreto para a compreensão da formação da República brasileira. Através da análise da produção cronística do literato, é possível acessar um passado complexo e recheado de contradições e disputas. Além disso, as críticas expostas pelo autor guardam uma conexão imensa com o tempo presente. Ruas esburacadas, passagens caras e a discrepância de estrutura de diferentes bairros não ficaram “no passado”. Pelo contrário, são dilemas que persistem na contemporaneidade.

Concordo com Magali Gouvea Engel que é “justamente no sentido de fornecer sólidos elos de articulação entre presente e passado, na atualidade de suas denúncias que os registros literários daquele autor – em especial suas crônicas – podem ser utilizadas para ensinar/aprender história (Engel, 2008, p.73).O que nos resta, agora, é compreender



melhor como as crônicas aqui apresentadas, em conjunto com seu suporte original de publicação – no caso, a revista *Careta* – podem ser úteis ao ensino de História.

Literatura e imprensa em sala: breve proposta

Conceição Cabrini *et al.* apontaram, no ano de 1994, a necessidade de uma revisão urgente no ensino de História. Segundo o diagnóstico das autoras, o modelo tradicional de ensino era recorrente nas aulas de História ministradas no ensino básico. Nesse modelo, estão em jogo dois principais aspectos: o primeiro refere-se a uma concepção errônea do que seria a História e qual o seu objetivo enquanto disciplina escolar; já o segundo diz respeito a questões de ordem metodológica, ou seja, à forma como os objetos de conhecimento dessa disciplina são mobilizados e conduzidos em sala de aula.

Sobre o primeiro aspecto, não raro escutamos no nosso cotidiano certas falas que apontam a História como a ciência que investiga grandes eventos – como guerras, revoluções e conflitos no âmbito da política institucional –, célebres nomes – muitas vezes ligados a esses eventos grandiosos e em sua maioria referindo-se a homens brancos e ricos – e datas ditas importantes – 1500 (invasão portuguesa no atual Brasil), 1789 (início da Revolução Francesa) e 1889 (proclamação da República no Brasil), são algumas delas. Em tese, isso não está completamente equivocado. Afinal, tais elementos são, realmente, objetos de investigação dentro do campo historiográfico.

Entretanto, esse discurso é extremamente reducionista: a História não se limita ao estudo desses casos. E, indo além, não podemos falar de História no singular⁴⁷. Um mesmo evento ocorrido no passado pode ser investigado através de múltiplas perspectivas. Não à toa lidamos com acirrados debates dentro da historiografia. A escolha da fonte a ser analisada, a corrente teórico-metodológica com que se escolhe trabalhar e os próprios objetivos individuais de cada pesquisa contribuem para uma grande diversidade de conclusões sobre um mesmo tema.

Em grande verdade, essa concepção de História um tanto equivocada não se limita a conversas do cotidiano. Pelo contrário, embasa a seleção dos conteúdos a serem ministrados no ensino básico. Apesar de certo avanço conquistado nas últimas décadas no âmbito das legislações educacionais, ainda é visível a permanência de uma concepção

⁴⁷ A reflexão feita por Chimamanda Adichie na famosa conferência “O perigo de uma história única” contribui imensamente com esse debate. ADICHIE, Chimamanda. 2009. 1 vídeo (19 min). Publicado pelo canal TED. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D9Ihs241zeg>. Acesso em: 2 de jul. de 2023.



de História que tem raízes eurocêntricas, que aposta na linearidade da cronologia clássica e que preza por um conhecimento “acabado”, estampado nos livros didáticos⁴⁸.

Nessa altura, encontramos o segundo impasse, qual seja, a escolha metodológica feita pelos professores de História⁴⁹. Juntamente com os limitados conteúdos prescritos pelos currículos e pelas demais diretrizes educacionais, há ainda a forma como os assuntos são elaborados em sala de aula. Isabel Barca afirma que os diferentes modelos de aula expositiva ainda são largamente praticados nas escolas (Barca, 2004). Nesse formato, como o próprio nome sugere, o que importa é “passar” um determinado conteúdo, já selecionado e acabado, desconsiderando ou minimizando a participação dos alunos na aula. É o discurso competente de que falam Conceição Cabrini *et al.*: “são o professor e o livro didático que têm a competência e o privilégio para a escolha dos objetos de estudo e tudo que com eles se relaciona” (Cabrini, 1994, p.32).

Concordo com Barca que a adoção desses modelos é bastante problemática pois, dentre outras coisas, reforça a ideia equivocada de que o processo de ensino-aprendizagem ocorre através da suposta transmissão de conhecimento entre professor e aluno. Nessa perspectiva, a relação construída entre educador e educando se torna hierárquica. O primeiro seria o detentor do saber, enquanto o segundo é tido como uma página em branco, um receptáculo em que os conhecimentos são depositados. Nesse processo, como argumenta Vitor Paro, o “método de ensino (qualquer ensino) acaba reduzido, ao fim e ao cabo, a uma apresentação ou exposição de *conhecimentos e informações*, sem qualquer consideração pela subjetividade do educador e do educando” (Paro, 2014, p.22, grifos do autor).

Desse modo, o aluno é completamente excluído do processo de construção de conhecimento. Seus saberes prévios são desconsiderados, sua experiência enquanto sujeito histórico é ignorada. E, nos limites da disciplina de História, essa perspectiva de educação leva à apresentação de fatos do passado de forma revelada, acabada. Além disso, concordo com Cabrini *et al.* que essa História

⁴⁸ Sobre esse importante debate, conferir o artigo “Vitória da tradição ou resistência da inovação: o Ensino de História entre a BNCC, o PNLD e a Escola” escrito por Sandra Regina Ferreira de Oliveira e Flávia Eloisa Caimi. (Caimi; Oliveira, 2021).

⁴⁹ Aqui cabe uma importante ressalva. Muitas vezes essa escolha não é, propriamente, uma escolha. Sabemos que a condição concreta dos trabalhadores da educação no Brasil é extremamente desafiadora. Baixos salários, sobrecarga de trabalho e falta de estrutura material básica são questões muito debatidas pela categoria. Nesse sentido, é compreensível que muitas aulas – não apenas de História – sejam pouco elaboradas ou que acabem, infelizmente, caindo no tradicional. Quero dizer, em síntese, que a condição concreta desses trabalhadores pode influenciar na escolha que fazem para seu trabalho docente. É necessário, inclusive, que essa questão seja estudada mais de perto.



[...] que exclui a realidade do aluno, que despreza qualquer experiência da história por ele vivida, impossibilita-o de chegar a uma interrogação sobre sua própria historicidade, sobre a dimensão histórica de sua realidade individual, de sua família, de sua classe, de seu país, de seu tempo... Essa história torna “natural” o fato de o aluno não se ver como um agente histórico, torna-o incapaz de colocar questões ou de perceber os conhecimentos que, a partir de suas experiências individuais, possam ser base de discussão em sala de aula. É o famoso divórcio entre a escola e a vida e que expressa a grande despolitização do ensino. O comprometimento com a sufocante estrutura autoritária da sociedade que perpassa toda a escola se manifesta na relação entre saber e poder; isso faz com que o aluno parta do pressuposto de que o que deve ser ensinado é o que a escola procura ensinar e o impede de pensar qualquer outra alternativa de conteúdo (Cabrini, 1994, p.34).

Estamos diante, portanto, de um problema complexo. Como superar esse ensino de História tradicional que exclui o aluno do processo de construção de conhecimento? Indo além, como resgatar a vivência e a subjetividade dos estudantes em diálogo com os assuntos a serem abordados em sala de aula, característicos da disciplina de História⁵⁰?

Acredito que a adoção de uma metodologia que parta do uso de fontes em sala de aula seja uma rica alternativa a esse impasse. Em primeiro lugar, é válido pontuar que isso não constitui uma novidade. Afinal, de acordo com a investigação de Circe Bittencourt, fontes históricas – como gravuras, fotos, filmes, mapas e ilustrações – já são usadas como recursos pedagógicos no ensino de História, aparecendo impressas nos livros didáticos da disciplina desde meados do século XIX (Bittencourt, 2020, p.69).

Entretanto, tais fontes não devem cumprir a função de ilustrar um passado, como se fossem neutras e capazes de retratar determinado evento tal como ele “efetivamente” ocorreu. Pelo contrário, devem ser mobilizadas em sala de aula enquanto documentos históricos, a serem analisados seguindo um método específico. Esse aspecto, inclusive, pode (e deve) ser objeto de investigação em sala de aula: é “preciso que iniciemos o aluno no fato de que o conhecimento histórico é algo construído a partir de um procedimento metodológico; em outras palavras, que a história é uma construção” (Cabrini, 1994, p.43).

A isso, acrescento que não basta adotar o uso dessas fontes em sala de aula: isso, por si só, não garante um processo de ensino-aprendizagem que efetivamente considere o protagonismo do aluno na investigação do objeto de conhecimento. É necessário que

⁵⁰ Cito, novamente, Conceição Cabrini *et al.* que reflete sobre o estudo da disciplina de História no ensino básico: “Para que estudar história no 1º e 2º graus? É para fazer com que o aluno produza uma reflexão de natureza histórica; para que pratique um exercício de reflexão, que o encaminhará para outras reflexões, de natureza semelhante, em sua vida e não necessariamente só na escola; pois a história produz um conhecimento que nenhuma outra disciplina produz – e ele nos parece fundamental para a vida do homem, indivíduo eminentemente histórico” (Cabrini, 1994, p. 36).



esses documentos sejam abordados com uma metodologia que esteja, de fato, comprometida com a superação dessa perspectiva de ensino de História tradicional.

Com essa reflexão em mente, retomo as crônicas que foram analisadas no tópico anterior, buscando entender como elas podem contribuir com um Ensino de História alternativo ao tradicional. Pelos assuntos que abordam em suas linhas, pela linguagem simples e divertida que apresentam⁵¹, bem como pelo contexto histórico em que foram produzidas, são ótimas fontes para turmas de 9º ano do Ensino Fundamental II. Conforme previsto pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), é importante que os estudantes do 9º ano consigam “identificar os processos de urbanização e modernização da sociedade brasileira e avaliar suas contradições e impactos na região em que vive”, de acordo com a habilidade EF09HI05 (BNCC, 2017, p.428-429). Além disso, auxiliam na compreensão de importantes aspectos da chamada Primeira República (1889-1930).

Inspirado pelas proposições de Conceição Cabrini *et al.* e Isabel Barca, aposto em um modelo de aula que tenha como princípio o aluno enquanto sujeito dotado de saberes prévios. O modelo de aula-oficina sugerido por Barca pressupõe o aluno como “agente de sua formação com idéias prévias e experiências diversas” e o professor como “investigador social e organizador de atividades problematizadoras” (Barca, 2004, p.3). Discordo, entretanto, que apenas o professor seja investigador. O aluno também deve assumir esse papel em sala de aula: ele deve ser agente ativo desse processo, sendo este devidamente mediado pelo educador.

Vale sublinhar que a utilização de fontes literárias e periódicos impressos em sala de aula não constitui uma novidade⁵². As próprias crônicas de Lima Barreto já foram indicadas como rico material para o Ensino de História, como bem o faz Magali Gouvea Engel em *Crônicas cariocas e ensino de história*. A autora realiza um levantamento – organizado por eixos temáticos – de várias crônicas escritas por Lima, publicadas em diferentes periódicos brasileiros entre 1911 e 1922. Além de transcrever alguns desses escritos na íntegra, Engel reserva um espaço sugerindo a utilização da crônica

⁵¹ Vale pontuar a interessante relação que Antonio Candido estabelece, ao refletir sobre o gênero crônica, entre literatura e ensino: “É importante insistir no papel da simplicidade, brevidade e graça próprias da crônica. Os professores tendem muitas vezes a incutir nos alunos uma idéia falsa de seriedade; uma noção duvidosa de que as coisas sérias são graves, pesadas, e que conseqüentemente a leveza é superficial. Na verdade, aprende-se muito quando se diverte, e aqueles traços constitutivos da crônica são um veículo privilegiado para mostrar de modo persuasivo, muita coisa que, divertindo, atrai, inspira e faz amadurecer a nossa visão das coisas.” (Candido, 1992, p.19).

⁵² O site da Hemeroteca Digital conta com um vasto acervo de periódicos nacionais e estrangeiros de fácil navegação. O portal torna acessível um número grandioso de possíveis fontes que os professores e pesquisadores podem mobilizar para suas pesquisas acadêmicas e para uso em sala de aula. Disponível em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em: 6 de jun. de 2023.



“Macaquitos”, publicada na *Careta* em 23 de outubro de 1920, numa dinâmica interdisciplinar envolvendo as disciplinas de História, Geografia, Espanhol, Português e Literatura (Engel, 2008, p.73-83).

A novidade proposta aqui refere-se à escolha da crônica a ser trabalhada, bem como à abordagem desta em seu suporte original de publicação. Sugiro que os registros literários de Lima Barreto e os aspectos materiais da revista *Careta* sejam explorados de forma conjunta. Afinal, é justamente a riqueza e a pluralidade de informações presentes no objeto de estudo uma das justificativas para o uso de fontes em sala de aula⁵³.

Como visto em “Botafogo e os pró-homens”, publicada em 1921, Lima Barreto tece críticas ao preço das passagens de bonde e à municipalidade – que prioriza a manutenção dos bairros nobres. Através desse texto, é possível explorar com os alunos questões atuais relativas à estrutura urbana e às escolhas feitas pela gestão municipal no trato com a cidade em que vivem, buscando semelhanças e diferenças com o que foi apresentado por Lima Barreto. Além disso, pode-se debater em sala sobre o preço atual das passagens dos transportes coletivos e quais implicações disso na vivência dos alunos. E, ainda, se eles observam, nos dias de hoje, essa “cidade cindida” que aparece na produção barretiana.

Soma-se a isso os elementos característicos da revista *Careta* enquanto veículo impresso. Ao ser disponibilizado o volume em que a crônica foi publicada, os alunos terão contato com um documento histórico. Observar os aspectos materiais que envolvem a revista – como o número do volume, as ilustrações, os anúncios e propagandas, o tamanho dos textos, a presença ou não de fotografias, dentre outros itens – possibilita aos alunos uma interação mais concreta com o objeto de conhecimento.

Assim, tendo esses objetivos em mente, sugiro uma breve proposta para a disciplina de História a ser elaborada em turmas do 9º ano do Ensino Fundamental II. Como recurso principal, aposto na utilização do volume 685 da *Careta* e da crônica “Botafogo e os pró-homens”, publicada nessa mesma edição⁵⁴, mobilizados da seguinte forma:

1) 1º momento: duas aulas de 50 minutos

⁵³ Valle, Arriada e Claro apontam que a essa “riqueza de informações que podemos extrair das fontes justifica o seu uso no fazer pedagógico de várias áreas das Ciências Humanas e Sociais porque possibilita ampliar o entendimento de objetos cuja compreensão necessita de contextualização histórica e sociocultural” (Valle; Arriada; Claro, 2010, p. 65).

⁵⁴ O volume está disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=083712&pagfis=26179>. Acesso em: 2 de jul. de 2023.



- Breve avaliação diagnóstica realizada através de perguntas dirigidas à turma com o objetivo de compreender os conhecimentos prévios dos alunos acerca dos processos de urbanização ocorridos no Brasil (10 minutos);
- Situar, preferencialmente através de *slides* – contendo mapas, imagens e fotografias –, o movimento de remodelação urbana da cidade do Rio de Janeiro. Deve-se considerar os novos ideais do regime republicano, o movimento global da modernização e os conflitos ocorridos entre trabalhadores pobres e os patrocinadores das reformas entre o final do século XIX e o início do XX (30 minutos);
- Apresentar, brevemente, o volume 685 da revista *Careta*, traçando um paralelo com o contexto em que a revista foi produzida. Explicitar a imprensa como uma das formas que o historiador tem a sua disposição para compreender o passado. Pontuar a *Careta* enquanto uma das revistas que contribui para o entendimento do processo de modernização do Brasil. (10 minutos);
- Estudo dirigido em grupo do volume 685 da *Careta*⁵⁵. A turma será dividida em grupos de até 5 alunos que terão à sua disposição (virtualmente) o referido volume da revista. Será proposta uma investigação da fonte através das seguintes perguntas: a) Qual a data de publicação do volume?; b) Quantas páginas tem a edição?; c) Quais conteúdos você observa nas folhas? Do que tratam? Contém alguma assinatura?; d) Quais elementos chamam atenção na leitura da revista? Ao final, os grupos devem registrar por escrito as impressões que tiveram ao longo da pesquisa para compartilhar com a turma (40 minutos).

2) 2º momento: duas aulas de 50 minutos

- Compartilhamento das impressões do estudo dirigido da revista. Observar/questionar se algum grupo se atentou à crônica “Botafogo e os pró-homens” impressa na página dez (30 minutos);

⁵⁵ Vale sublinhar que não proponho que os alunos leiam todos os conteúdos da revista. Afinal, isso não é viável e nem mesmo possível em uma aula de 50 minutos. A ideia é que os alunos explorem a fonte através das perguntas que foram colocadas, realizando uma leitura dinâmica do documento.



- Projetar a referida página no quadro, questionando aos alunos os elementos que compõe a folha. Chamar especial atenção para a crônica assinada por Lima Barreto (L.B.). Questionar à turma se conhecem/o que sabem do autor e de sua obra (10 minutos);
- Situar os alunos sobre a vida e obra de Lima Barreto. É importante que o/a professor(a) aponte a literatura enquanto fonte histórica (20 minutos);
- Estudo dirigido (com os mesmos grupos formados anteriormente) da crônica “Botafogo e os pró-homens” (disponibilizada em uma folha impressa para cada grupo), realizado com o apoio das seguintes questões: a) Do que trata a crônica?; b) Quais críticas o autor realiza e a quem são dirigidas?; c) O que podemos pensar com o seguinte trecho: “O resto do Rio não existe, mas paga imposto. O Rio é Botafogo; o resto é a cidade indígena, a cidade negra”?; d) É possível estabelecer alguma semelhança com o tempo presente? O/A professor(a) pode disponibilizar dicionários à turma para que possam explorar eventuais dúvidas/curiosidades com o vocabulário do texto. Ao final, os grupos devem registrar por escrito as impressões que tiveram ao longo da pesquisa para compartilhar com a turma (40 minutos).

3) 3º momento: duas aulas de 50 minutos

- Compartilhamento das impressões do estudo dirigido da crônica (30 minutos);
- Leitura coletiva do texto e mediação do/da professor(a) a respeito da conexão entre o conteúdo da crônica e o contexto histórico em que foi produzida – desenvolvimento da República, reformas urbanas e suas consequências para a população carioca (20 minutos);
- Avaliação: elaborar em grupo cartazes reivindicando melhorias para a cidade/bairro em que moram/estudam. A proposta é que os grupos utilizem os cartazes como espaço de denúncia e reivindicação, estabelecendo um paralelo com a crônica investigada. Os cartazes, quando prontos, serão exibidos em um mural da escola (50 minutos).



Considerações finais

Por fim, vale sublinhar que essa metodologia torna o processo de aprendizagem mais interativo, complexo e diversificado. Concordo com Engel que a literatura, ao ser mobilizada em sala de aula, constitui “um meio rico e eficaz para construirmos com nossos alunos uma história viva que efetivamente rompa com a imagem da história como um saber inútil e chato” (Engel, 2008, p. 10). Soma-se a isso as “possibilidades de aprimoramento da aprendizagem da leitura e da escrita, abrindo-se perspectivas para a construção de parcerias com a área de português e fazendo da disciplina história um lugar também responsável pelo aprofundamento e consolidação do processo de alfabetização dos alunos” (Engel, 2008, p. 10)⁵⁶.

Quanto ao uso da imprensa, Hardalla Valle, Eduardo Arriada e Lisiane Claro destacam-na “como uma rica fonte, por sua proximidade ainda latente com o mundo do discente, bem como pelo olhar crítico que sua utilização proporciona frente a realidade da mídia atual” (Valle; Arriada; Claro, 2010, p.69). Quando bem conduzido, esse exercício encaminha os alunos para uma reflexão que busca compreender a materialidade da fonte e questionar as intencionalidades da produção e circulação dos periódicos. Essa abordagem “fomenta um novo olhar dos discentes sobre a imprensa atual, fazendo-os observar de maneira crítica seus jornais cotidianos e as informações disseminadas” (Valle; Arriada; Claro, 2010, p.69).

Entretanto, para serem abordadas em sala – e isso deve ser considerado para todos os tipos de fontes –, é necessário que o/a professor(a) tome os devidos cuidados. Há uma significativa diferença entre o conhecimento histórico produzido na academia e aquele desenvolvido pelos alunos do ensino básico: “dada a grande complexidade do trabalho do historiador, as reflexões históricas produzidas pelos alunos – se são um grande avanço para ele (por serem um exercício de raciocínio histórico, uma fonte de conhecimento sobre um objeto de estudo) –, certamente, não significam um avanço para o conhecimento histórico em si mesmo” (Cabrini, 1994, p.44).

Dessa forma, acredito que essa proposição contribui com um ensino de História que foge do tradicional. Isso porque acrescenta outra dimensão à aula: os alunos são instigados a pesquisar através das fontes selecionadas pelo/pela professor(a), assumindo uma posição de agentes do saber e não de “depositórios” de conteúdo. E, finalmente,

⁵⁶ Por isso aposto na leitura da crônica tal como foi publicada originalmente: essa escolha coloca os estudantes em contato com uma escrita diferente do português, encaminhando para a reflexão de que até mesmo a grafia das palavras carrega uma historicidade.



através da crônica “Botafogo e os pró-homens”, é possível estabelecer uma ponte com a realidade concreta vivenciada pelos estudantes nos dias de hoje: será que essa “mania por Botafogo” e essa cidade cindida ficou no passado? Retomando a epígrafe que nomeia o primeiro tópico deste artigo, a leitura de jornais e revistas, bem como das crônicas de Lima Barreto, se mostram, assim, utilíssimas ao ensino de História.

Data de Submissão: 02/07/2023

Data de Aceite: 29/12/2023

Fontes:

BARRETO, Lima. “O prefeito e o povo”. *Careta*, 15 de janeiro de 1921, p.4.

L.B., “Botafogo e os pró-homens”. *Careta*, 6 de agosto de 1921, p.10.

Careta, edições 613, 645, 656, 663, 665, 670, 671, 672, 683, 685, 693, 701, 705, 710, 727, 731, 736, 737, 740, 741, 745, 746, 1920-1922.

Referências Bibliográficas:

ABREU, Mauricio de Almeida. “Da habitação ao hábitat: a questão da habitação popular no Rio de Janeiro e sua evolução”. **Revista Rio de Janeiro**, n. 10, p.210-234, 2003.

AZEVEDO, Aluísio. **O Cortiço**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

BARCA, Isabel. Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. **Para uma educação de qualidade: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica**. Braga: Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004, p. 131 – 144.

BELCHIOR, Pedro. **Tristes subúrbios: literatura, cidade e memória na experiência de Lima Barreto (1881-1922)**. 2011. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, Niterói, 2011.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BITTENCOURT, Circe. Livros didáticos entre textos e imagens. In: BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula** – 12. ed., 5ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2020, 69-90.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>. Acesso em: 4 de jun. de 2023.

CABRINI, Conceição [et al.]. **Ensino de História: revisão urgente**. São Paulo: EDUC, 1994.

CAIMI, Flávia Eloisa; OLIVEIRA, Sandra Ferreira Regina de. Vitória da tradição ou resistência da inovação: o Ensino de História entre a BNCC, o PNLD e a Escola. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 37, e77041, 2021, p.1-22.



CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, Antonio [et al.]. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação da Casa de Rui Barbosa, 1992, p.13-22.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Apresentação. In: **História em cousas miúdas: capítulos de História Social da crônica no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2005, p.9-20.

ENGEL, Magali Gouveia. Literatura e ensino de história. In: ENGEL, Magali Gouveia [et al.]. **Crônicas cariocas e ensino de história**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008, p.35-42.

ENGELS, Friedrich. **Sobre a questão da moradia**. São Paulo: Boitempo, 2015.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de, (Orgs.) **História da imprensa no Brasil** – 2ª ed., 3ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2020, p.84-102.

FRÊDO, Arthur Camargo. Entre ruas esburacadas, moradias precárias e críticas à prefeitura: experiências dos moradores suburbanos com a modernização carioca pela lente de Lima Barreto (1920-1922). **ORÉ – Revista Discente de Estudos Históricos da UNIRIO**, Rio de Janeiro, v.1, n.2, p. 69-89, ago. 2022.

HARDMAN, Francisco Foot. **Trem fantasma: a modernidade na selva**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

HOBBSAWN, Eric. **Sobre história**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas** – 2 ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2010, p.111-153.

MARTINS, Ana Luiza. Imprensa em tempos de Império. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de, (Orgs.). **História da imprensa no Brasil** – 2ª ed., 3ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2020, p.45-80.

MENDONÇA, Leandro Climaco. **Nas margens: experiências de suburbanos com periodismo no Rio de Janeiro, 1880-1920**. 2011. Dissertação (Mestrado) em História Social – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, Niterói, 2011.

NEVES, Margarida de Souza. Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas. In: CANDIDO, Antonio [et al.]. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação da Casa de Rui Barbosa, 1992, p.75-92.

NOGUEIRA, Clara Miguel Asperti. **Cronistas do Rio: o processo de modernização do Rio de Janeiro nas crônicas de Olavo Bilac (Kosmos, 1904-1908) e Lima Barreto (Careta, 1915-1922)**. 286f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2012.

O'DONNELL, Julia Galli. **Um Rio Atlântico: culturas urbanas e estilos de vida na invenção de Copacabana**. 2011. Tese (Doutorado) em Antropologia Social – Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

PARO, Vitor Henrique. **Educação como exercício de poder**: crítica ao senso comum em educação – 3. ed. – São Paulo: Cortez, 2014.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. “Da minha janela vejo o mundo passar: Lima Barreto, o centro e os subúrbios”. **Estudos avançados**, v. 31, n. 91, 2017, p.123-142.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lima Barreto**: triste visionário. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1999.

VALLE, Hardalla Santos do; ARRIADA, Eduardo; CLARO, Lisiane. A utilização de fontes no ensino de História: a imprensa na construção do conhecimento. **Momento**, Rio Grande, v. 20 (1), 2010, p.59-72.

WILLIAMS, Raymond. **Palavras-chave**: um vocabulário de cultura e sociedade. São Paulo: Boitempo, 2007.

